



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO HISTÓRICO: OS PROCESSOS DE LUTAS E O DESENVOLVIMENTO DO ANTIGO QUILOMBO DO CABULA

Mateus Costa Santos
Mateusc.santos@ucsal.edu.br
Adam Silva Brasil
adamsb86@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo debater sobre a importância do contexto histórico e os processos de lutas e desenvolvimento do antigo Quilombo do Cabula. Partindo de uma lógica metodológica Materialista Histórica e Dialética, analisamos os processos de ocupação da área do antigo Quilombo do Cabula, assim como, as diversas contravenções entre as antigas culturas que ainda permeiam a região e os desafios da modernidade, que se faz presente pelas diversas investidas do capital imobiliário na região.

Palavras-chave: Contexto. Histórico. Dialética. Quilombo.

1 INTRODUÇÃO

O contexto histórico é o elemento chave no processo de discussão das questões-problemas. A inquirição do contexto é fundamental para a construção de uma análise concreta da realidade, pois parte da compreensão de que a História é constituída de maneira complexa e funciona como um mecanismo vivo em constante movimento, que está em perene transformação e que possui contradições. Partindo desse princípio materialista histórico dialético, podemos verificar que a maneira mais acertada para construir a análise da realidade é se apropriando do contexto, das lutas entre os contrários em que os objetos se encontram, os elementos que o cercam e das problematizações, levando em consideração as subjetividades e o envolvimento do autor no que tange a análise e a escrita da história, sendo esta, uma ciência edificada coletivamente.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

Quando trabalhamos, cada um de nós elabora sua própria interpretação do contexto problematizado, o que nos prepara para compartilhar interpretações e análises, que sejam mediadas pela problematização que nos medeia. (MATTA et al, 2020, p.7)

Dentro de uma perspectiva do pensamento marxista, a história tem um papel fundamental na vida social, política, econômica e cultural das sociedades, pois é através da própria história que se põe em xeque a ideia equivocada de que “o mundo assim sempre foi” e a compreende o mundo como ele é e se constitui materialmente. Os seres humanos são detentores e protagonistas da história e, portanto, de pensamento crítico e capazes de transformá-la. A busca pela compreensão do contexto auxilia no entendimento de várias questões fundamentais na sociedade, como por exemplo, como os meios de produção se constituíram, desenvolveram e se transformaram ao longo do tempo e como são nos dias atuais, pois entende-se a história como ciência do presente. Dialeticamente falando, o passado e o presente estão intrinsecamente interligados, e neste caso o antigo Quilombo do Cabula será analisado sob esta perspectiva dialética da história. Além de ser parte das condições iniciais necessárias para a construção da análise histórica, o contexto tem o papel de mediar, a relação entre o contexto da pesquisa e na comunidade. O contexto é a base de sustentação da análise da realidade.

Para um melhor entendimento este artigo foi dividido em 5 capítulos. O primeiro é um capítulo introdutório onde abordamos a importância do contexto histórico. No segundo capítulo é abordado o contexto do Cabula durante o período inicial de ocupação e as diferentes comunidades que ali se formaram. Já no terceiro capítulo, é analisado as tentativas do governo de dar fim ao quilombo do Cabula. No capítulo quatro o alvo da pesquisa passa a ser o Cabula contemporâneo e as sucessivas investidas do capital imobiliário. Por fim, a análise metodológica e a conclusão.

2 O ANTIGO QUILOMBO DO CABULA

O antigo Quilombo do Cabula estava geograficamente localizado numa área conhecida como Miolo de Salvador. Esta região atualmente ocupa 17 bairros que são: Arenoso, Arraial do Retiro, Beiru/Tancredo Neves, Cabula, Doron, Engomadeira, Estrada das Barreiras, Fazenda Grande do Retiro, Mata Escura, Narandiba, Novo Horizonte, Pernambucoés, Resgate, Saboeiro,

XII ETBCES – Diversidades e Relações Inter Comunitárias –

De 26 a 30 de setembro de 2022. Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

São Gonçalo do Retiro, Saramandaia e Sussuarana. O termo quilombo, designava-se a locais que tinham negros fugidos. Eram arraiais com moradias de libertos, de militares que desertavam, de povos indígenas e em menor grau, de brancos pobres.

Para compreender a região conhecida como o antigo Quilombo do Cabula, precisamos analisar o processo histórico de desenvolvimento e formação da cidade de Salvador e posteriormente do Quilombo do Cabula. De acordo com (MATTA et al, 2020) três elementos foram fundamentais para o crescimento da cidade de Salvador desde a sua fundação, estes elementos são: a região portuária da Baía de Todos os Santos, que possibilitava um atracadouro seguro e privilegiado para as embarcações. O fator da cidade ter se tornado a capital da colônia (em detrimento do primeiro elemento) também é um elemento fundamental. Não menos importante, o terceiro fator pontuado é o prestígio que a cidade passa a ter no âmbito internacional que se expressa através da atração das populações migrantes, colonos voluntários, degredados e pessoas seduzidas pela lógica cruel, predatória e desumana do escravismo.

Nesse contexto, além de Salvador ter sido uma cidade portuária, era uma espécie de centro de tráfico escravos, um local de articulação dos traficantes e um dos principais locais do terrível tráfico humano daquele momento histórico.

A cidade era centro de colonização, de expropriação, de reestruturação da propriedade e uso dos recursos, e tudo isto realizado pela brutalidade da organização do trabalho escravo, base da conquista e construção da cidade. (MATTA et al, 2020, p.9)

O processo de formação do Quilombo do Cabula acontece após os colonizadores portugueses e os proprietários de terras destinadas à produção, ocuparem as terras que tinham fácil acesso ao porto o seu entorno (TAVARES, 2001). A região empreendida como Cabula é destacada por ser um local de difícil acesso, por ter morros, colinas e mata fechada, esses elementos fizeram com que a produção no local fosse inviável para os proprietários de terra e viável para os que lutaram contra a escravidão, dando origem a um importante espaço coletivo de resistência conhecido como Quilombo do Cabula.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

Os senhores, os proprietários abastados ligados à colonização e ao comércio atlântico, preteriram aquela área de difícil acesso. Foram pessoas oriundas dos povos subjugados, primeiro os índios, depois negros, muitos libertos, provavelmente africanos, que construíram no local uma vivência autônoma e alternativa, daquela que surgiu ao redor do porto e da colonização formal (NASCIMENTO, 1989).

As influências do mundo ibérico (Portuguesa e Espanhola), contribuiu para que a Bahia fosse constituída enquanto organização social e modo de “reprodução social”, baseado na propriedade inquestionável dos fidalgos sobre todos os recursos que existiam e que eram necessários à vida e a sobrevivência humana. A classe dominante era caracterizada pela posse, composta por: proprietários das terras, rios e mares, monopólios do grande comércio atlântico, proprietários da fé, da cultura, das relações sociais, dos modelos estéticos, da ideologia, da criação de padrões sobre o que era ou não recomendável, eram “detentores de tudo”.

Ao que parece, essa classe seguia um padrão social, racial e cultural que fortaleceu o processo de branqueamento da sociedade e a partir destes elementos, foram construídas as relações sociais e de prestígio social que estava ligadas a capacidade dos poderosos em privilegiar e favorecer os aliados e dependentes e explorar o povo negro. De acordo com (MATTA,2013) as fontes do poder emanavam da:

- 1) a propriedade dos recursos produtivos e do fundamental da economia e sociedade; 2) as ligações e alianças entre poderosos, o compadrio, que dava capacidade de favorecer dependentes e aliados; e 3) as ligações com a metrópole, que determinava a ligação mais ampla de favorecimento e influência de um poderoso local, fiel ao direcionamento metropolitano (MATTA, 2013, p 37).

As relações sociais existentes eram de opressão, e estavam diretamente ligadas a regras de obediência, fidelidade, dependência, imposição e prestígio, às quais estava associado à relação da existência patrimonialista, eram realizados em qualquer posição das relações de classe (MATTA, 2008). Na sociedade senhorial, além do senhor ser o dono dos recursos, do rio, das terras, das condições da existência e etc. A lógica senhorial e escravista parte do princípio de que “quem sobrevive, deve a vida ao senhor e conseqüentemente deve favores.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

Diante deste processo de exploração e opressão, diversas formas de resistências e lutas foram desenvolvidas pelos povos que eram submetidos à barbárie. Dentro dessa perspectiva prática da resistência e suas formas, a formação de quilombos foi sem dúvidas fundamental, mas outras formas de resistência ficaram evidentes no âmbito das tradições culturais e festas, como por exemplo, as festas de santos católicos como, o São João, o Santo António, que são tradições a princípio do colonizador branco. Em contrapartida as tradições africanas, principalmente a yorubá, com os Orixás e o culto aos ancestrais foram assimiladas em um catolicismo local, com alterações.

De acordo com (MATTA, 2013) a religião dos orixás, os cerimoniais bantos e as religiões indígenas brasileiras eram divulgados como sendo algum tipo de ignorância e paganismo típico de não cristãos, de quem não tinha tido a “revelação de Deus”, mesmo que perseguidos, negados, ou ao menos menosprezado, pelo branco católico, todas as crenças e religiões começam a misturar-se e a ganhar adeptos de todas as origens na Bahia, funcionando como um elemento de resistência.

O Cabula por ter suas matas densas, fontes de água, foi se tornando um local propício para abrigo para quem fugia das perversidades praticadas pelo sistema escravista. O Cabula foi se tornando um território de resistência negra, indígena e em menor escala de agricultores pobres, carregando uma diversidade étnica, religiosa e social, riquíssimo em termos de cultura.)

O Quilombo do Cabula passa a se desenvolver e a se consolidar enquanto um local que possibilita uma alternativa de vida (contendo perigos e contradições) que foge da lógica da sociedade e seu modelo de organização perverso de dominação, resultando no aumento da sua importância no final do século XVIII e início do século XIX.

Comunidade e ocupações, de forma alternativa, já se desenvolviam na região do Cabula há muito tempo. Supomos que desde o século XVI, mesmo. Porém, o ponto mais representativo deste contexto quilombola, dá-se no final do século XVIII, início do XIX (apud MARTINS, 2017).

O Quilombo do Cabula além de ser um espaço de resistência, era importante por ser um ponto de integração. Mesmo que o local fosse de difícil acesso por conta da mata densa, estava localizado próximo a estradas que eram usadas para o transporte de pessoas e abastecimento da



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

cidade de Salvador. Não era um Quilombo isolado, pois havia uma certa integração à cidade (MATTA et al, 2013)

A região empreendida como Quilombo do Cabula foi ocupada pelos que resistiam à exploração, opressão e dominação de classe imposta pela sociedade colonial escravista e os “donos” do poder. O Cabula era um espaço não só de refúgio, mas principalmente de resistência.

No contexto contemporâneo as comunidades do Cabula e entorno são frutos do desenvolvimento do antigo quilombo, pois os arraiais que constituíam o espaço central do Quilombo do Cabula. Atualmente a região do fim de linha da Engomadeira e do largo do Beiru (MARTINS, 2017), era onde se tinha uma maior concentração de moradias. Esse elemento é importante para identificarmos geograficamente o ponto inicial de urbanização e o desenvolvimento de todos os 17 bairros que atualmente se encontram na região, que são historicamente quilombola, afro-brasileira e de resistência popular.

O processo de desarticulação do antigo Quilombo do Cabula ganha força a partir de alguns elementos que são fundamentais. Um desses fatores era o mal-estar causado pelo que o Quilombo representava socialmente, um espaço de ocupações e de vida alternativa do povo, uma unidade de protesto frente a miséria produzida pela sociedade escravista colonial. A classe exploradora, detentores das grandes propriedades de terras e seus agentes ficavam incomodados com a capacidade de articulação e consolidação do antigo Quilombo do Cabula, principalmente por conta do legado histórico de resistência e de fuga da lógica da exploração escravista. O segundo fator estava ligado aos interesses econômicos e logísticos dos grandes proprietários de terras, pois o Quilombo do Cabula embora estivesse em um local de difícil acesso, não estava em uma área isolada, e sim num local propício para o transporte.

Para legitimar a destruição do antigo Quilombo do Cabula, a classe dominante utilizou da sua principal ferramenta de dominação ideológica de classes, o racismo. O racismo foi a justificativa dos privilégios das elites e dos infortúnios das classes subalternas que se renova como um instrumento de dominação (MOURA, 1999). Podemos observar que no contexto do Quilombo do Cabula a essa ideologia era propagada através do desgaste político, social e moral do povo negro.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

O quilombo derrotado e seus habitantes foram facilmente taxados de “vadios, supersticiosos, roubadores, criminosos, adoentados”, o que facilitou a comunicação com outros ajuntamentos (AHU. Conselho Ultramarino - Brasil-Bahia-. Cx. 149. n. 29815. Ano 1807). Guardadas as diferenças de época, podemos perceber a perseguição à negritude, ao afro-brasileiro, àqueles que incomodavam por resistir e não ceder à subordinação e subalternização. (MATTA, 2020, p.13)

A classe dos exploradores se empenhou para destruir o Quilombo do Cabula e logo providenciou medidas para desarticular o local que aglutinava as pessoas que resistiam naquele local, verifica-se que

Após o ataque e desmantelamento do Quilombo, as autoridades se esforçaram para ocupar a área com proprietários e moradores capazes de conter novos quilombos que pudessem reaparecer ali. (MATTA et al, 2020, p.15)

Apesar do dispêndio de forças (através de expedições militares e propaganda ideológica racista) para desorganizar os espaços ocupados e a luta do povo negro, a região ainda continuava sendo um local de acolhimento. Para atender os interesses dos proprietários de terra, a região do Quilombo do Cabula foi sendo transformada num local de plantação e cultivo de frutas e verduras, principalmente das laranjas de umbigo. O alimento produzido naquela região abastecia cidade e eram vendidas pelos negros explorados.

Neste processo de loteamento e novas propriedades foram surgindo as plantações de laranja. Laranjas de umbigo, que ficarão famosas no futuro. Na segunda metade do século XIX, as plantações de laranja, de verduras e de outras frutas, abasteciam a cidade, normalmente vendidas por negros em burricos carregados (CARVALHO, 1997). (MATTA, 2020, p.15)

Embora a região do antigo Quilombo do Cabula tivesse passado por um processo de tentativas de mudanças em sua composição social, no sentido da ocupação por parte de proprietários e fazendeiros, a hegemonia social e cultural da região continuou sendo negra e possuía práticas populares de bases africanas. Podemos perceber que, ainda sob “ataques” em diversos âmbitos, e mesmo com as tentativas por parte do poder vigente de suprimir o Quilombo



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

do Cabula, essa articulação coletiva continua a ser um espaço de resistência negra de acordo com (MATTA, 2020)

Parece-nos que o acréscimo de proprietários e de fazendas, não mudou substancialmente o perfil e caráter de comunidade de resistência das populações da região. Os fazendeiros, embora, parecessem ter procurado exercer, uma prática de olheiro, acabaram se tornando vizinhos ou patrões, senhores destas populações que não deixaram de ter suas práticas populares de base africana, e de exercerem uma ocupação de espaço diferenciada e alternativa. (MATTA et al, 2020, p.16)

Os interesses dos grandes fazendeiros no aumento da exploração das terras da região, fez com que o local fosse transformado num espaço (que antes era de subsistência, produção para a existência) de produção rural para servir como um apêndice de abastecimento da capital, porém as localidades que hoje são empreendidas como Engomadeira, Beiru, Mata Escura, Bate Folha e Pernambués, na prática continuaram sendo espaços de acolhimento e resistência, vejamos

Mas em termos de ocupação e das práticas sociais presentes, continuaram sendo os libertos, os foragidos, as comunidades presentes historicamente, ou seja, os descendentes das comunidades quilombolas, que continuaram presentes na área. Inclusive ocupando os mesmos arraiais da Engomadeira, do Beiru, da Mata Escura, do Bate Folha, de Pernambués, e outros antigos núcleos. (MATTA et al, 2020 p.16)

Podemos perceber que a classe dominante esteve e ainda está disposta a usar diversos mecanismos para realizar a manutenção dos seus privilégios e a permanência na esfera de dominação, inclusive através da violência.

3 AS TENTATIVAS DE “DESTRUIÇÃO” DO QUILOMBO

A execução da tentativa de destruição do antigo Quilombo do Cabula ocorreu sob o comando do Capitão de Entradas e Assaltos Severino da Silva Lessa, no governo do Conde da Ponte na noite de 30 de março de 1807 (MARTINS, 2017). Na noite deste mesmo dia, pessoas que integravam o Quilombo foram na região dos sítios das Barreiras, Campo Seco e Saboeiro, onde atualmente é o bairro do Cabula, foram atacados de forma covarde pela força militar



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

baiana, que tinha como objetivo executar o plano de destruição dos quilombos localizados no entorno do centro urbano da cidade de Salvador.

A partir do acúmulo de pesquisas desenvolvidas por (MARTINS, 2017), a historiadora compreende que no contexto sociopolítico da época, a destruição dos quilombos do entorno soteropolitano e principalmente o Quilombo do Cabula), fazia parte de uma política de controle aos escravos e foi implementada pelo conde da Ponte.

A força que as comunidades chamadas de quilombos ganharam ao longo dos anos, ocasionando temor à camada social hegemônica, que ao se deparar com a necessidade de enfrentamento, buscou a precaução nos preparativos da destruição. (MARTINS, 2017, p. 85)

A necessidade de se ter uma política de controle por parte da classe dominante servia para evitar o desenvolvimento e o avanço das lutas e das resistências que os Quilombos apresentavam naquele contexto histórico, pois fica evidente que para a elite, o Quilombo do Cabula era uma verdadeira afronta a ordem socialmente estabelecida

4 O CONTEXTO CONTEMPORANEO DO ANTIGO QUILOMBO DO CABULA

As tentativas desesperadas da classe dos exploradores para frear a luta e a resistência do povo negro através da perseguição colonial-escravista, imperial-escravista e que o permaneceu na república (MATTA et al, 2020) não foi suficiente. Ao longo da história do Brasil, o povo negro resistiu e ainda resiste as mazelas impostas pela ordem dominante.

Durante a república, mais especificamente até a década de 1940, a região do antigo Quilombo do Cabula ainda era caracterizada como um ambiente rural, pois ainda era voltado para a produção de laranja de umbigo, lá trabalhavam os descendentes de quilombolas, a maioria de origem banto ou Gegê-nagô que mantinham tradições quilombolas (MATTA et al, 2020). Ou seja, mesmo após os ataques sofridos em 1807, as perseguições colonial-escravista, imperialescravista, e que permaneceu na república, os grupos além de continuarem ocupando os espaços que foram conquistados com muitas lutas e muito suor, mantiveram-se também intimamente ligados às tradições ao longo do tempo.

Nessa lógica, precisamos analisar a capacidade da comunidade local original, de manter suas práxis e tradições com o advento das transformações e a chegada de novos habitantes. Até a década de 1940, a região praticamente não alterou seu perfil de



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

ocupação. Significa entender que desde 1807 a comunidade cresceu basicamente só por reprodução demográfica local – ou seja, a maior parte dos novos moradores seriam mesmo descendentes da comunidade quilombola original. (MATTA et al, 2020 p.18)

A chegada da modernidade inicialmente não parece impactar de forma significativa no âmbito da composição social e das práticas sociais no antigo Quilombo do Cabula, pois a região continuou com um perfil de produção agrícola, vejamos

Durante o século XIX e até os anos de 1940, a região ganhou o perfil de produtora agrícola, principalmente de laranja de umbigo, outras frutas, verduras e produtos agrícolas, sem, porém, alterar o perfil quilombola de sua cultura e práxis sociais. (MATTA et al, 2020 p.19)

A chegada tardia da hegemonia burguesa e do desenvolvimento também tardio do sistema capitalista na Bahia, foi um dos fatores que influenciaram também na dinâmica social e econômica da região. De acordo com (MATTA et al 2020) o capitalismo só se torna forma de reprodução hegemônica da existência na Bahia como todo na década de 1980, com o pleno funcionamento do Polo Petroquímico de Camaçari, fator que caracteriza a consolidação da burguesia no plano industrial, econômico e político. Vale ressaltar que esse processo de mudanças e o avanço da modernidade não é homogêneo e que se desenrola de formas diferentes no estado.

A introdução da modernidade nas periferias de Salvador, mais especificamente nos territórios do antigo Quilombo Cabula é marcada por um processo tardio de urbanização. Esse processo atinge algumas localidades da capital ainda no século XIX, mas na região acelera somente na década de 1940, a partir de dois elementos que se pode afirmar que são fundamentais: a expansão da cidade de Salvador (o aumento populacional) e a chegada de instituições públicas (fator que dá uma nova dinâmica na vida local). De acordo com (MATTA, 2020)

O primeiro pode ser identificado como o prosseguimento do movimento de expansão da cidade do Salvador no século XX. Ainda no século XIX, a urbanização atingiu Brotas, Baixa de Quintas, expandiu-se pela Liberdade, também a partir da antiga Rua da Vala, atual Avenida José Joaquim Seabra ou Baixa dos Sapateiros, na direção da Estrada das Boiadas, ou seja, do início da Ladeira do Cabula, que originalmente estava na atual Rua Cristiano Buys. A área rural do Cabula foi sendo cercada, e a partir dos

XII ETBCES – Diversidades e Relações Inter Comunitárias –

De 26 a 30 de setembro de 2022. Anais publicados sob número de ISSN 2447-0600.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

anos de 1940, o Cabula já estava nesta rota de expansão. A chegada de instituições públicas, que levaram conjuntos residenciais, vai produzir este efeito. (MATTA et al, 2020 p.20)

A industrialização da cidade de Salvador, a chegada de instituições e empresas na região que hoje empreende os 17 bairros (antigo Quilombo do Cabula), aceleraram o processo de crescimento e desenvolvimento da área. A chegada da Refinaria Landolfo Alves, em Mataripe, o Centro Industrial de Aratu (CIA), o Polo Petroquímico de Camaçari, exigiram um aumento na mão-de-obra, este fator acelerou o crescimento da população operária na cidade. Estes novos operários encontraram na região do Cabula uma área viável e satisfatória para residência (MATTA, 2013).

A chegada do Estado por meio das instituições na região se dá inicialmente através da implantação do 19º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro e a construção do presídio da Mata Escura em 1950. Ainda na década de 1950, foi a vez da construção do Conjunto Residencial Jardim Brasília, na entrada da antiga Ladeira do Cabula. A década de 1960 foi marcada pela construção da Avenida Silveira Martins, importante avenida da cidade. Os anos de 1970 foi um momento fundamental, pois o número das instituições públicas aumentou, como é o caso da Empresa Baiana de Águas e Saneamento S.A. (EMBASA), a Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia (COELBA), o Hospital Geral Roberto Santos, a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) além de escolas, centros sociais urbanos (MARTINS, 2017).

A chegada das instituições na região fortaleceu a ação predatória do setor privado e o fortalecimento da especulação imobiliária, que nada mais é que

Uma forma pela qual os proprietários de terra recebem uma renda transferida dos outros setores produtivos da economia, especialmente através de investimentos públicos na infra-estrutura e serviços urbanos. (CAMPOS, 1999, p. 48).

A especulação imobiliária é uma tática exercida por proprietários dos meios de produção, proprietários fundiários, grandes promotores imobiliários, que consiste no abandono de terrenos e imóveis, para aguardar o aumento do status da propriedade a partir do crescimento urbano e da realização de obras públicas. A expansão urbana, contribui para a elevação dos



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

preços dos terrenos e imóveis, consequentemente, aumenta a perspectiva de lucro da classe dos “endinheirados” (COSTA, 2021). Essa ação fica evidente na construção do Shopping Bela Vista e de algumas habitações no entorno, que deram as costas aos antigos bairros, e surgiram a partir do desmatamento de uma área de antiga preservação de Mata Atlântica no miolo da cidade (MATTA, 2020).

Mesmo com a repressão do Estado escravista colônia, escravista- imperial, repressão no período republicano, o racismo, a ação predatória dos capitalistas, o antigo Quilombo do Cabula e suas comunidades resistem.

Nesse sentido, o projeto de Turismo de Base Comunitária (TBC) apresenta iniciativas que valorizam e democratizam aspectos ambientais, sociais, históricos, culturais e tecnológicos das comunidades, valorizando o contexto, a vivência e a realidade das comunidades do Cabula. O TBC funciona como uma estratégia de luta e resistência diante das mazelas impostas pela sociedade capitalista que, nesse momento histórico, tenta descaracterizar a localidade por meio da acelerada especulação imobiliária (MARTINS, 2017) e oferece por meio da sua práxis (teórica e prática) uma alternativa de atuação que fuja da lógica de exploração.

A partir desta análise podemos perceber que no contexto contemporâneo surgem elementos inteiramente novos como a urbanização, especulação imobiliária, ação predatória de construtoras e empresas privadas, a exploração do povo (que é um elemento mais antigo) e que no contexto atual está submetido a um sistema desigual e excludente e que dá continuidade na lógica da exploração do homem pelo homem através do trabalho assalariado e subalterno (capitalismo), porém elementos importantes são preservados na região que implica o antigo Quilombo do Cabula, principalmente o acolhimento, elementos da cultura afro-brasileira, muita luta, tradição e resistência.

5 METODOLOGIA

A proposta deste artigo foi analisar a importância do contexto histórico e os processos de lutas e desenvolvimento do antigo Quilombo do Cabula. Para isso foi realizado um levantamento bibliográfico sobre o referido assunto. Utilizamos de artigos, teses, livros e dissertações sobre o referido assunto. Como abordagem metodológica foi utilizado o



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

Materialismo Histórico Dialético para um maior entendimento sobre a região abordado no referido artigo.

6 CONCLUSÃO

Atualmente, esta região é ocupada por bairros que têm a sua população majoritariamente Negra, e que ainda é herdeira do Antigo Quilombo do Cabula, essa herança talvez para muitos é imperceptível, mas se faz presente todos os dias nas comunidades que ali fazem parte. É inegável o legado ancestral dos indígenas e africanos que ali residiram e lutaram contra a opressão do colonizador

Assim, o processo de urbanização aconteceu até um certo ponto dando prevalência às comunidades tradicionais afro-brasileiras do antigo Quilombo. A modernidade urbaniza os bairros da região, mas não altera a hegemonia do perfil sociocultural dos ocupantes e sua herança quilombola. Observamos isso quando olhamos atentamente para os traços que ficaram, como os saberes populares, a cultura, as práticas sociais, nos inúmeros terreiros que resistem e lutam para manterem a suas antigas tradições

Desta forma, conclui-se que a história do Cabula, até esse momento, é marcada por um contexto diário de lutas entre as antigas tradições e o progresso, que se entrelaçam e ao mesmo tempo se separam pelas mazelas sociais geradas por um sistema opressor e segregador que insiste em agir nesta região.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Cândido Malta Filho. **Cidades Brasileiras: seu controle ou o caos: o que os cidadãos podem fazer para a humanização das cidades no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999.



XII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária –XII ETBCES

COSTA, Mateus. **A LUTA PELA MORADIA DIGNA E PELA REFORMA URBANA NA PENINSULA ITAPAGIPE** (2019 – 2020). Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2021.

MARTINS, Luciana de Almeida. **História Pública do Quilombo do Cabula: representações de resistências em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária**. Tese (Doutorado) – Difusão do Conhecimento, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017. Disponível: < <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/25204> >. Acesso 12/01/2022.

MATTA, Alfredo. **A História da Bahia**. UNEB. Salvador, 2013.

MATTA, Alfredo; SILVA, Francisca; AMORIM, Antônio. **O Contexto Histórico do Cabula: base dialética para a compreensão do Projeto TBC**. Salvador, 2020.

MOURA, Clovis. **A quilombagem como expressão de protesto radical**. 2001. Disponível: < <https://www.marxists.org/portugues/moura/2001/mes/quilombagem.htm> > Acesso 10/01/2022